

BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro (org). *História Entrelaçada 7 - Língua Portuguesa na década de setenta: linguística, gramática e educação*. São Paulo: Terracota, 2016.

Por Victor Matheus da Costa<sup>1</sup>

A obra *História Entrelaçada 7*, organizada pelas Professoras Doutoras Neusa Barbosa Bastos e Dieli Vesaro Palma, foi lançada em abril de 2016, na ocasião do 16º Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa e 7º Congresso Internacional de Lusofonia do IP-PUC/SP. É oportuno lembrarmos as atividades acadêmicas que se conectam com a obra e que antecedem a ela, todas sob a liderança e incentivo da Professora Doutora Neusa Bastos: além do Congresso, o Grupo de Pesquisa em Historiografia da Língua Portuguesa (cadastrado no diretório do CNPq desde 1996), e a produção da coleção *História Entrelaçada* (com o primeiro lançamento em 2004). Assim, os esforços conjugados de pesquisadores, professores e alunos realizam bienalmente novas edições do Congresso e da obra, que passa a ser apresentada. É importante, ainda, ressaltarmos a significação da multiplicidade de autores e suas instituições de origem, estimulando a profícua e contínua cooperação acadêmica: o próprio IP-PUC/SP, sede do GPeHLP, juntamente com UPM, UEMA, UEMT, UFMG e Unicsul.

Nos últimos números da referida coleção, os estudos têm focado uma década da segunda metade do século XX, sendo o número atual sobre a década de 1970. Com esta delimitação histórica, cada capítulo apresenta pesquisas centradas em uma coleção de livros didáticos de Língua Portuguesa ou a produção de um autor naquela década. Passamos então aos capítulos.

No primeiro capítulo, *História, cultura e memória: fontes subsidiárias para estudos em Historiografia Linguística*, de Vera Hanna e Neusa Bastos, encontramos contribuições

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e aluno-pesquisador no IP-PUC/SP.  
Endereço eletrônico: [costa.vmv@icloud.com](mailto:costa.vmv@icloud.com)

teóricas para o campo em que se insere a obra, ora trazendo estudos consagrados, ora propondo novos caminhos, realizando um estudo transdisciplinar. As autoras levam em consideração a tarefa metateórica, sinalizada por Swiggers, e os princípios postulados por Koerner para trazer suas reflexões à Historiografia Linguística (HL), inserindo um diálogo entre os Estudos Contemporâneos da Memória, História do Presente e Estudos Culturais. São trazidos conceitos provenientes de cada área de estudos, citados projetos em andamento, explicada a pertinência deles e para a pesquisa em HL. O capítulo nos leva, além da compreensão da conexão proposta entre história, cultura e memória, sua função nos estudos de HL, as possibilidades de realização de uma pesquisa que inclua outras perspectivas não tradicionais e, enfim, uma ampliação daquele conceito inicialmente trazido de *tarefa metateórica*, ao observar a relevância dessas novas visões à pesquisa em HL, pois “[...] ao fazermos historiografia, não estamos estudando os eventos do passado diretamente, mas sim as mudanças de interpretação daqueles eventos, subjetivamente” (p. 30). Dessa forma, as autoras contribuem para a análise crítica e sensível da escrita da história, dos textos historiográficos e da própria pesquisa em HL, alargando nosso horizonte ao instigarmos a reconhecer a expressão da memória cultural.

No segundo capítulo, *A novíssima gramática da Língua Portuguesa sob a influência da LDB/1971*, Maria Mercedes Hackerott e Caio Catalano analisam as modificações na obra de Cegalla. Inicialmente, temos os dados bibliográficos do autor estudado, fazendo-nos compreender a relevância dele no cenário editorial; no primeiro subtítulo, os autores trazem a relação entre a LDB e a obra central do capítulo, inclusive um quadro com as edições e modificações feitas. São comentadas as reformulações, a mudança de público-alvo, questões mercadológicas implicadas na publicação e a mudança do sistema ortográfico. No segundo subtítulo, são discutidos os conceitos de gramática nas diferentes edições, anteriormente apresentadas, da obra: os autores explicam, por exemplo, a visão de gramática normativa adotada pelo autor, depois substituída por força do imperativo *Comunicação e expressão*, além de privilegiar somente a escrita, e incluir depois a oralidade, assim como a ampliação das partes da gramática. Em seguida, os autores comentam as *alterações na escolha dos textos de antologia e alterações nos exercícios*. Ao finalizar, temos os indícios da influência da LDB na obra e suas escolhas editoriais, sem contudo alterar seu posicionamento normativo.

No terceiro capítulo, *O ensino de redação na década de 1970 sob múltiplo enfoque: um estudo na perspectiva da Historiografia Linguística*, Dieli Vesaro Palma e Maria Ignez de Mello Franco estudam as obras *A redação no vestibular* (1975), de José Armando Macedo, e

*Técnica de redação* (1978), de Magda Soares e Edson Campos. As autoras iniciam com um breve histórico sobre a ausência do ensino de redação no final da década de 1960 e começo de 70, passando pelos objetivos, perguntas norteadoras e fundamentação teórica. Seguindo o princípio da *contextualização*, postulado por Koerner, as autoras trazem relações entre a legislação vigente na época e a disciplina Língua Portuguesa, buscando as mudanças ocorridas desde 1964 e suas repercussões no ensino. Posteriormente, caracterizam o ensino da LP em 1970 e os diferentes tipos de textos acrescentados em seu ensino, fazendo considerações sobre as teorias que subjaziam; as concepções de linguagem adotadas; a preparação do material didático pelo professor *versus* livro didático; provas dissertativas *versus* questões de múltipla escolha; e a exigência da produção textual no vestibular da USP em 1975. Ao proceder à análise do material didático de Macedo, apresentado na abertura do capítulo, as autoras seguem o princípio da *imanência*, observando a apresentação, estrutura dos capítulos e seus conteúdos, detendo-se na análise de um capítulo, intitulado *A forma*, mostrando o conceito trazido pelo autor. No material de Soares e Campos, as autoras observam a *Nota da editora* e o *Prefácio* para daí depreender a metodologia proposta pelos autores, depois descrevem os capítulos e seus conteúdos trabalhados, detendo-se na análise de um capítulo, intitulado *formas de ordenação no desenvolvimento do parágrafo*. Nas considerações finais, as autoras trazem os pontos de concordância e divergência entre os materiais analisados, sendo comum a preocupação com o final do 2º grau e vestibular, configuração gráfica dos livros e diferentes às posturas teóricas das duas obras.

No quarto capítulo, *Língua Portuguesa na década de setenta: compêndio didático de português ou de comunicação e expressão?*, Neusa Bastos e Maria Lucia Vasconcellos analisam as obras *Compêndio didático de português* (1971) e *Compêndio didático Comunicação e Expressão* (1972), de Azevedo Filho, Thomaz e Bouças. As autoras observam como se estabelece o diálogo entre a obra e alunos, professores e Estado; investigam, na dimensão científica, como a disciplina foi trabalhada, levando em consideração o espírito de época e questões históricas, políticas e socioculturais mais amplas; reconstroem o caminho percorrido para que um dado conhecimento seja transformado em saber escolar. Ao iniciar o estudo, retomam o embasamento teórico, trazendo o conceito de HL e o trabalho historiográfico com obras didáticas de Swiggers, os princípios e passos metodológicos propostos por Koerner e apresentação do *corpus* escolhido. Nas considerações pedalinguísticas, os autores são contextualizados em seu momento histórico, observando-se as tendências da época, as influências que eles sofreram e as repercussões das Leis Federais nº

4.024/61 e nº 5.692/71, sobre o ensino de primeiro e segundo graus. Sobre a obra de 1971, as autoras trazem, além da contextualização feita anteriormente, o método de trabalho presente na obra, as unidades em que se dividem o programa, conforme a LDB de 1961, e a manifestação das questões políticas e educacionais da época. Quanto à obra de 1972, são feitas considerações semelhantes, mostrando a mudança do título de acordo com a legislação educacional e as influências da Teoria da Comunicação, os tipos de exercícios constantes no livro, os textos selecionados (de autores brasileiros), a presença de recursos visuais e a adição da atividade oral. Posteriormente, as autoras enfocam como são apresentados os *pronomes* nas duas obras e avaliam que ambas trazem um “[...] conteúdo conservador, uma visão quase integral do ensino de Língua Portuguesa em suas práticas de linguagem: leitura, interpretação de texto, exercícios gramaticais e temas para expressão oral e escrita” (p. 96).

No quinto capítulo, *A dimensão comunicativa da linguagem no ensino de Língua Portuguesa: uma análise pela Historiografia da Linguística*, Luciano Tocaia e Ronaldo Batista tomam como objeto de análise o volume 1 do 2º grau da obra *Encontro com a Linguagem* (1977), de Brait, Negrini e Lourenço. Os autores também retomam os princípios de Koerner como fundamentos teórico-metodológicos, explicando-os, seguindo a análise do livro didático apontado, detendo-se nas lições sobre o ensino da língua e da cultura, deixando de lado o de literatura. Inicialmente, há uma observação sobre as teorias que vigoravam entre as décadas de 1960 e 1970 sob o paradigma estruturalista, salientando a lição da obra dedicada ao estudo das funções da linguagem, chamado a atenção do leitor para o ato de comunicação em alguns casos. Em seguida, os autores levantam os linguistas citados na obra e autores literários usados, a dimensão comunicativa adotada e algumas inovações trazidas à época (como a introdução de gêneros discursivos diversos, com destaque para a propaganda e linguagem visual), embora ainda estejam de acordo com o clima de opinião da época e correntes tradicionais de ensino, e encerram o capítulo apontando as tendências presentes na obra que se destacariam nas décadas seguintes.

O sexto capítulo, intitulado “*Estudo dirigido de português*”, de Reinaldo Mathias Ferreira, marco inicial do modelo de livro didático atual, é de autoria de Patrícia Di Iório, Sônia Nogueira e Wemylla Almeida. Nele, são analisadas edições da obra *Estudo dirigido de português* (de 1971 a 1974, de diferentes séries) e *Estudo dirigido de português - totalmente reformulado* (de 1981 a 1983, de diferentes séries), apontando-a como uma obra modelo de livro didático de LP, por ser precursora do *livro do professor*, além de trazer elementos

visuais novos para a época, concepção de língua que dava ênfase ao código e trazer influências das legislações em voga e ter tido um extremo sucesso editorial.

No sétimo capítulo, *Domício Proença Filho: o mestre da pedagogia da literatura*, Nancy Arakaki e Victor Costa estudam a coleção *Comunicação em Português* (de 5ª a 8ª séries, 1979), do referido autor. O capítulo divide-se em três subtítulos, a saber: *os meios de comunicação em massa e o ensino tecnicista nas malhas da ditadura militar; os meios de comunicação em massa e ativa didática de Português na agenda do Mestre Proença Filho; a pedagogia da literatura: relação entre língua, literatura e cultura*. O capítulo é iniciado com uma visão geral sobre o ambiente sociocultural, político e econômico do Brasil da década de 1970, introduzindo as tendências teóricas vigentes e adotadas pelo autor. Encontramos a ênfase dada pelo autor à formação identitária nacional e às variedades diatópicas e diastráticas trazidas, não apenas à variante culta da língua. Preocupado com a formação de um público leitor, observamos o modelo de pedagogia da literatura instaurado por Proença Filho, alinhando tecnologia e humanismo ao acreditar nos meios de comunicação não como substituição da educação formal e leitura, mas sim, como incentivo a essas. Há dados biográficos sobre o autor, contextualização, passamos por outras produções didáticas antes da coleção propriamente analisada, e ainda respostas do próprio autor a uma pequena entrevista por correio eletrônico, a fim de elucidar a pesquisa historiográfica realizada.

No oitavo capítulo, *Macambira e a busca pela renovação da gramática tradicional*, Jefferson Santos, Miguél Almeida e Nelci Lima analisam a obra *A estrutura Morfo-sintática do Português*, de José Rebouças Macambira, tendo como baliza a gramática tradicional, observando as inovações trazidas pelo autor e detendo-se à parte 2 da obra: *classificação dos vocábulos*. Após introduzir o capítulo, os autores citam o *cenário dos estudos linguísticos no Brasil na década de 1970*, levantando a situação das leis e o contexto educacional, depois entram na biografia do autor no subtítulo *Macambira: homem e gramático*, e numa análise minuciosa da obra (*Macambira e as inovações gramaticais: a classificação dos vocábulos*), é apresentada a divisão do livro e a das classes de palavras, foco da análise, ressaltando a utilização dos critérios mórfico, sintático e semântico pelo autor, fator de suas inovações por se afastar da tradição gramatical.

O nono capítulo, *Dino Preti e sua obra da década de 1970: Aprendendo Português — lições de língua, comunicação e expressão*, é de autoria de Marilena Zanon, Nancy Casagrande e Regina Pires de Brito. No capítulo, é analisada a edição da 5ª série, de 1973, da obra referida no título. Encontramos de início dados da trajetória acadêmica de Preti, sua

relevância para os estudos de Sociolinguística no Brasil e os temas estudados por ele, depois os critérios de análise da obra escolhida como *corpus*. As autoras apresentam a divisão do livro, capítulo a capítulo (totalizando vinte), indicando os textos utilizados, a metodologia seguida e tipos de exercícios. Posteriormente, deparamo-nos com o *contexto educacional brasileiro na década de 1970*, trazendo as mudanças legais, concepções de língua, influências teóricas e o perfil do ensino tradicional de língua materna da década. Ao encerrar o capítulo, lemos que “a obra, que pretendia levar aos professores um livro que o ajudasse nas aulas de Língua Portuguesa, traz uma cuidada e variada seleção de textos, de conhecimento e ampliação lexical e, ainda, para o estudo de alguns tópicos gramaticais” (p. 193).

Após uma breve descrição de capa capítulo, considerando-se o trabalho empreendido e a profundidade das análises de fato apresentadas, podemos constatar a coerência da obra, que segue na esteira dos volumes anteriores da coleção *História Entrelaçada*. Desde a apresentação, na qual as organizadoras delimitam o quadro teórico seguido pelo Grupo (incluindo concepções, metodologia, passos investigativos, fontes, critérios de análise *etc*), passando pela revisão teórico-metodológica, feita em todos os capítulos, com referência àquela apresentação e reafirmando a coesão do grupo de pesquisadores em torno de documentos comuns à pesquisa do ensino de Língua Portuguesa: leis, livros didáticos, compêndios, textos teóricos de referência, enfim reflexões linguísticas e educacionais que objetivam reconstruir historiograficamente um capítulo recente do passado de nosso ensino.